

Meios, Mensagens

Na ocasião da primeira edição de *Os Meios de Comunicação como Extensões do Homem*, em 1964, o chefe da edição disse a McLuhan que seu material era quase 75% novo e um livro que tivesse mais de 10% de novidade não seria vendável. Conceitos como o da Aldeia Global, meios quentes e frios e a famosa frase “O Meio é a Mensagem”, de fato foram objetos das mais variadas discussões da cultura desde o seu lançamento até a atualidade. Considerarei aqui alguns pontos importantes destas discussões.

A afirmação incisiva de que O Meio É a Mensagem é exposta por McLuhan logo no primeiro capítulo do livro. Basicamente, é colocado que o modo como este ou aquele conteúdo é mediado é absolutamente preponderante sobre tal conteúdo, na medida das suas possibilidades e limitações formais, mas principalmente na medida da fragmentação e compressão do espaço-tempo provocado pelas redes elétricas, que tornam qualquer deslocamento de informação instantâneo, abolindo a noção de pensamento sequencial e concatenado, que dá lugar à simultaneidade. McLuhan é um entusiasta da eletricidade; para ele, a luz elétrica é um meio sem conteúdo, que só leva pura informação. *“A mensagem da luz elétrica é como a mensagem da força elétrica na indústria, totalmente radical, invasiva e descentralizada. Pois a luz e a força elétrica são sepradas de seus usos, elas ainda eliminam tempo e espaço na associação humana exatamente com o fazem o rádio, o telégrafo, o telefone e a tv, criando envolvimento profundo”*. O advento destes meios eletrônicos é comparado, no texto, ao impacto do surgimento da tipografia, que transformou a experiência de conhecer, que era coletiva e oral, em individual e visual (da leitura), que colocou o raciocínio sequencial, linear, na posição de pensamento racional por excelência – uma prova de que o meio seria em si um condicionador dos conteúdos e, portanto, o próprio conteúdo.

O grau de envolvimento de um espectador no contato com um meio é tratado no capítulo seguinte, onde McLuhan discorre sobre os meios quentes e frios. Em poucas palavras, meios frios são aqueles que preenchem menos lugares de percepção, deixando espaços para a participação do espectador, para a inclusão de elementos, buscando *completar* a informação, são portanto meios de baixa definição. Os meios quentes, obviamente, são o contrário: privilegiam um dos sentidos em detrimento dos demais e o preenchem com informação. O espectador fica completamente envolvido e há pouco espaço para a sua participação. Eles organizam o conteúdo em termos narrativos lógicos e sequenciais. São meios de alta definição. Tal qual o quente e o frio físicos, os meios só podem ser assim denominados por comparação. Deste modo, o rádio é quente em relação ao telefone, a leitura é quente em relação ao discurso oral, o cinema é quente em relação à televisão.

McLuhan disse em 1964 que *O Meio É a Mensagem*. No ano seguinte, 1965, o mundo assistia a guerra do Vietnã, a primeira guerra televisionada, com um grande caráter de

espetacularização. Os seus conceitos foram de grande perspicácia para o seu tempo e ainda por muitas décadas. Hoje, porém, algumas destes conceitos já foram objeto de atualização. Manuel Castells atualiza a frase cunhada por McLuhan dizendo que estamos passando por uma fase onde *A Mensagem É o Meio*: hoje em dia podemos formatar o conteúdo da maneira que desejarmos. É o conteúdo que define o processo de comunicação que será efetivado.

O grande eixo dessa revolução é o desenvolvimento da informática. No final da década de 1960, os avanços na microeletrônica possibilitaram o surgimento do computador pessoal (PC), a máquina-mor da informática. O computador não tem uma função definida, é simplesmente uma máquina capaz de seguir uma grande variedade de instruções, de cumprir programações. Esta forma ímpar de liberdade fez com que convergissem no computador todo tipo de coisa: máquina de escrever, prancheta, fichário, arquivo e, de 1990 pra cá, também aparelho de som, TV, cinema, telefone.

Atualmente, mais de 1 bilhão de pessoas usam a internet, a rede mundial de computadores. Esta rede pretende concretizar idéia de Aldeia Global que McLuhan vislumbrou com as redes elétricas: o uso do computador e da internet na forma de mídia, em velocidade crescente e custo decrescente, elimina as distâncias geográficas e até as temporais e nos coloca num mundo onde os espaços são topológicos e tudo é simultâneo. Esta eliminação de fronteiras, porém, não levou o mundo a uma unicidade. Pelo contrário, o que vemos é a afirmação das identidades, num ambiente onde pode coexistir toda a multiplicidade de relações humanas. Apesar disso ser muito sugerido nos ainda existentes meios de comunicação de massa, o que temos não é uma aldeia global, mas uma grande rede de pequenos grupos, de tribos quase individuais.

Esta rede de tribos exige e produz conteúdo próprio. Com a difusão e barateamento dos meios de produção de conteúdo audiovisual, as identidades individuais se manifestam e se afirmam, sejam estas identidades étnicas, religiosas, territoriais. Cada vez mais os indivíduos se significam em torno do que acreditam que são. A mídia não pode ser de massa porque esta massa já não existe.

Tendo isto concretizado, chegaremos ao estágio em que imagens não apenas estarão na tela por onde as experiências são comunicadas, mas tornar-se-ão a própria experiência. Quando toda informação está na forma binária de zeros e uns, *A mensagem é a mensagem*.

Aderências:

CASTELLS, MANUEL, A SOCIEDADE EM REDE, PAZ E TERRA, SÃO PAULO, 1999

RANTANNEN, TERHI, "THE MESSAGE IS THE MEDIUM: AN INTERVIEW WITH MANUEL CASTELLS,"

GLOBAL MEDIA AND COMMUNICATION MAGAZINE, VOLUME 1(2): 135-147, SAGE JOURNALS ONLINE, 2005